

Quer aprender na escola: impactos do ensino à distância sobre os estudantes

RESUMO

Lindamir Salete Casagrande

Pós-doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos pelo PPGNEIM/UFBA. Doutora e mestra em Tecnologia pela UTFPR. Professora aposentada da UTFPR; Professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da UTFPR. Pesquisadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia (GeTec/UTFPR). Escritora de livros infantojuvenis.

Tânia Gracieli Vega Incerti

Doutoranda e Mestra em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE/UTFPR). Pesquisadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia (GeTec/UTFPR). Assistente social no Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba.

Lucas Bueno de Freitas

Doutor em Tecnologia e Sociedade, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Mestre em Tecnologia, pelo PPGTE/UTFPR, Especialista em Tecnologias e Educação a Distância pelas Faculdades Dom Bosco e Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá e em Comunicação Institucional, pela UTFPR.

Este artigo objetiva analisar a percepção de mães e professoras sobre implicações das atividades de ensino à distância na rotina dos/as estudantes do ensino fundamental durante o período de distanciamento social vivenciado no ano de 2020. Participaram desta pesquisa mães e/ou professoras de diversas escolas, principalmente do Paraná. O instrumento de coleta de dados foi um questionário *online*, com perguntas objetivas e descritivas, que foi divulgado e aplicado por meio de redes sociais e obteve 174 respostas. Os resultados indicam que as participantes percebem o cansaço e a dificuldade de adaptação das crianças e adolescentes com o “novo” formato de ensino e com a rotina de estudos, os quais, somado a toda a situação imposta pela pandemia do Coronavírus, mostraram-se desgastante e estressante para os/as estudantes, que sentem muita vontade de voltar à escola. Concluímos que, na percepção das participantes, apesar de ser a única opção para esse momento, o ensino remoto não é adequado aos/às estudantes do ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Cansaço. Crianças e Adolescentes. Educação. Ensino à distância. Pandemia.

INTRODUÇÃO

Acredito na educação transformadora, e que poderíamos aproveitar o momento para trabalhar questões de desenvolvimento humano. O currículo é importante, mas não para esse momento. É hora de ressignificar a educação trabalhando com o Ser integral. (mãe - escola particular)

No início do ano de 2020, o mundo e, evidentemente, o Brasil se deparou com uma nova realidade que mudou toda a rotina da nossa sociedade. Era a chegada da pandemia causada pelo novo Coronavírus que assombrava toda a população. O desconhecimento sobre esse vírus e seu impacto na vida da população brasileira e mundial era uma incógnita. Porém, estava evidente que nada permaneceria como em 2019. O contato físico teve que ser evitado, houve a recomendação para que todos/as ficassem em casa para evitar a disseminação desse vírus que pode ser fatal. As relações de afetos, o abraço, o aconchego passaram a ser limitados e até não recomendados.

Essa determinação afetava em cheio a comunidade escolar. As escolas e universidades são, por natureza, espaço de aglomeração, de contato físico, de proximidade entre os indivíduos, portanto, não poderiam mais “funcionar”, pelo menos não da forma tradicional. Mas o que fazer com os/as estudantes? Seria 2020 um ano perdido para a educação brasileira? Os governos e as instituições escolares e universitárias se puseram a pensar em métodos alternativos para que os/as estudantes não ficassem sem aula, para que não interrompessem o processo de aprendizagem. A solução encontrada foi o ensino à distância, ou ensino remoto como alguns preferem chamar. Porém, ninguém, nem escola, nem professoras/es e tampouco estudantes, estavam preparadas/os para esta nova realidade. Muitas inseguranças surgiram e vieram acompanhadas de dificuldades e sobrecarga que atingiram a todos/as indiscriminadamente.

Pensando nesta realidade desenvolvemos uma pesquisa em que parte dos resultados apresentamos neste artigo. O objetivo da pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) sob CAAE 34272820.4.0000.5547, foi analisar a percepção de mães e professoras sobre os impactos da educação à distância (EaD) no ensino fundamental na rotina das mulheres e dos/as estudantes, durante o período de afastamento social. A escolha pelas mulheres como grupo participante desta pesquisa se deu pelo fato de que elas ainda são as principais encarregadas do cuidado com a prole, bem como, constituem a maioria das/os docentes que atuam no ensino fundamental. Para a coleta de dados elaboramos um questionário *online* com perguntas abertas e fechadas e enviamos às mães e professoras por *whatsapp* e pelo *facebook* obtendo 174 respostas, número este que nos deixou satisfeitas e evidenciou que as participantes precisavam relatar suas percepções e compartilhar suas angústias.

Os resultados desta pesquisa serão publicados em dois artigos. Um deles versará sobre os impactos desta mudança e da pandemia sobre a vida das mulheres participantes da pesquisa. O outro, é este artigo, que lança o olhar para as implicações do EAD nas vidas dos/as estudantes. Sendo assim, este artigo tem por objetivo analisar a percepção das mães e professoras sobre implicações das atividades de ensino à distância, ou educação remota, na rotina dos/as estudantes do ensino fundamental.

METODOLOGIA E PARTICIPANTES

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e de caráter descritivo/interpretativo, foi realizada com mães e professoras de diferentes escolas do Paraná (162 participantes), São Paulo (6), Mato Grosso (2), Rio de Janeiro (3), Rio Grande do Sul (2) e Minas Gerais (1) totalizando 174 participantes. A coleta de dados se deu por meio de um formulário *online*, criado na ferramenta *google* formulários, que continha perguntas objetivas e descritivas e foi encaminhado por meio do *whatsapp* e *facebook* em nossas redes sociais. A opção por ouvir as mulheres se deu pelo fato de que, na maioria dos lares brasileiros, as mulheres ainda são as responsáveis pelo cuidado com a casa e com a família, sendo assim, teriam melhores condições de responder aos nossos questionamentos. A coleta de dados foi realizada no período de 15 a 25 de agosto de 2020.

A maioria das respondentes, 60% das participantes, residem e, no caso das professoras, trabalham em escolas de Curitiba, capital do Paraná. Do total de participantes 60% são mães, 32% são mães e professoras e 8% são professoras. Das respondentes, 79% são casadas ou em união estável, 11% são separadas ou divorciadas, 8% são solteiras e 1% é viúva. Em relação à faixa etária, a maioria das respondentes, totalizando 54%, têm entre 40 e 50 anos.

Os dados da pesquisa apontam que 31% das participantes têm renda familiar que varia entre três e seis salários-mínimos, 20% situam-se no contexto de renda entre seis e dez salários-mínimos, 19% têm renda superior a dez salários-mínimos, 17% têm renda entre um e três salários-mínimos, 3% têm renda inferior a um salário-mínimo e 10% das respondentes preferiram não informar a renda familiar.

Com base nesses números, percebe-se que a maioria das participantes tem uma boa condição financeira, fato que elas mesmas reconhecem em seus depoimentos.

No que se refere ao acesso à internet, 98% das participantes possuem acesso, 1,4% têm acesso somente no celular, ou seja, utilizam os dados móveis e 0,6%, uma pessoa, não possui acesso. Ao compararmos com a realidade da população brasileira, o acesso à internet, em 2018, estava presente em 79,1% dos domicílios da área urbana.

No tocante ao número de computadores que possuíam em casa, 32% informam possuir um, 35% possuem dois, 15% afirmam ter a disposição três, 12% informam ter mais de três computadores e 6% relatam não ter nenhum aparelho. Em relação à disponibilidade de aparelhos telefônicos móveis, 37% têm dois dispositivos, 32% possuem três, 25% possuem mais de 3 celulares em casa e 6% possuem um aparelho.

É importante lembrar que estes equipamentos, celulares e computadores, são compartilhados por todos/as os/as componentes das famílias. Somando-se os dois tipos de artefatos, podemos concluir que estas famílias estão bem supridas de equipamentos necessários para o *Home office* (trabalho dos pais realizado a partir de casa neste período de distanciamento físico) e o *Home school* (estudo das crianças realizado em casa devido à pandemia), nova realidade das famílias brasileiras.

A faixa etária dos/as filhos/as distribui-se da seguinte forma: 8% têm entre 0 e 3 anos, 11% têm entre 4 e 5 anos 33% são crianças com idades entre 6 e 10 anos, 19% têm entre 11 e 14 anos e 29% têm mais de 15 anos. Com base nesses dados

observamos que a maioria das participantes possui filhos/as com idade escolar que compreende o ensino fundamental.

Em relação às escolas frequentadas, 70% são estudantes de escolas particulares, 19% estudam em escolas municipais e 11% estudam em escolas estaduais. É importante pontuar que esse dado reflete uma realidade específica, em que se presume um maior acesso aos bens e serviços, o que de certa forma observamos quanto ao acesso à internet, computadores e celulares, bem como, a renda familiar das respondentes.

Do total de estudantes, 77% têm aulas remotas nesse período de distanciamento social, 15% não estão tendo nenhum tipo de atividade proposta pelas escolas e a realidade de 8% das respondentes é que apenas um dos filhos/as está tendo atividades, todavia o/a outro/a não. Para as mães cujos/as filhos/as não têm atividades remotas foi-lhes perguntado se elas gostariam que a escola oferecesse essa possibilidade e a maioria das mães, 59%, não gostaria desta oferta, sinalizando que a criança não tem maturidade para este tipo de ensino e, por acharem que educação a distância não ajuda no processo educacional. Na opinião de 41% das respondentes essa oferta seria positiva no sentido de ocupar melhor o tempo livre da criança e por considerarem importante para a educação da criança manter a continuidade do processo de ensino aprendizagem mesmo que à distância.

A realidade das participantes desta pesquisa diverge do cenário estadual. Segundo matéria publicada no site do Sindicato dos Especialistas do Magistério Oficial de São Paulo¹, intitulada “Apagão na Educação”, publicada em 22 de maio de 2020 “No PR, professores estimam que só 30% dos estudantes estão assistindo às videoaulas e entregando as atividades propostas pelo aplicativo”, número muito menor do que os 77% apontados nesta pesquisa.

Esse é o perfil das famílias das mães participantes desta pesquisa e nos permite entender o contexto dos depoimentos que serão apresentados na sequência.

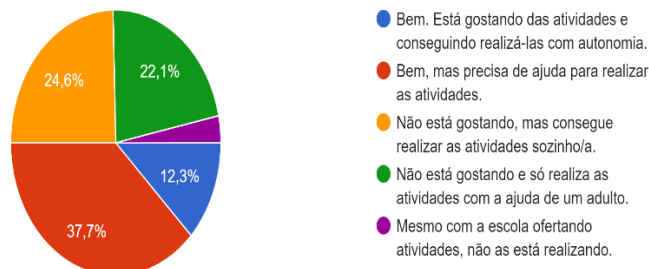
Adaptação dos/as estudantes quanto às atividades à distância

Dos/as estudantes que estão tendo algum tipo de atividade à distância no período de distanciamento social, questionamos as mães como elas avaliam que os/as filhos/as estão lidando com essa forma de ensino. Em resposta obtivemos os dados apresentados no gráfico que segue:

Gráfico 1 – Percepção das mães sobre a adaptação dos/as estudantes à EAD

Como você avalia que seu seu/a filho/a está lidando com essa forma de ensino?

122 respostas



Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria

Ao observarmos as respostas é possível inferir que as atividades à distância não são bem aceitas pelos/as estudantes e mesmo para aqueles/as que lidam bem com o processo é necessário o auxílio de um/a adulto/a para realizá-las.

Ao termos em vista a percepção das participantes em relação à dinâmica das atividades ofertadas para quase metade dos/as estudantes (45%) as atividades são cansativas e estressantes. Para 21% das participantes, embora considerem as atividades atrativas, essas percebem que os/as estudantes demonstram dificuldades para interagir com o/a professor/a e/ou colegas. Especialistas não recomendam que crianças fiquem muito tempo expostas a telas de computadores ou celulares, porém, este modelo de ensino acaba gerando tal exposição. As mães percebem que seus/suas filhos/as têm dificuldade de ficar parados diante destes equipamentos que antes eram limitados e agora indicados e única opção. Essas situações podem ser evidenciadas pelos relatos:

Ela fica estressada, cansada e não apreende. A criança não consegue ficar 3hs na frente do computador prestando atenção...estressante para a criança professores e família, desnecessária essas aulas e o turbilhão de informações para as crianças e família.... (MEP)

MEU FILHO NÃO GOSTA. ACHA MUITO CHATO. QUANDO EU VEJO, ELE ESTÁ DE PONTA CABEÇA NA SUA CADEIRA. (MEP, grifo da mãe)

Ela está com um rendimento e interesse muito abaixo do que era no presencial. Muitas vezes se recusa a fazer, fica chorona, tem dificuldade por não entender e muitas vezes não ter como esclarecer as dúvidas. (MP)

Para alguns/umas estudantes, como veremos a seguir, o que atrai nas aulas remotas é a oportunidade de ver e interagir, mesmo que a distância, com colegas e professoras/es. Nesse sentido, retomamos o argumento de Maria Helena Patto (2013) quando ela questiona se a relação ao vivo seria sinônimo de convívio. Pode não ser sinônimo, mas serve para matar saudades dos momentos de convívio presencial. No que tange ao conteúdo, os depoimentos evidenciam que não há assimilação por parte da criança requerendo o reforço por parte da mãe. Talvez

pelo fato de que o que há de mais interessante naquele momento é rever os/as colegas de classe.

Com base no exposto percebe-se que os/as estudantes estão encontrando dificuldade de adaptação a esse novo modo de educação que se impôs devido a pandemia.

Falta de interatividade e prejuízo a sociabilidade: reflexos na aprendizagem

Outro fator importante que transpareceu nos depoimentos foi a falta de contato com as outras crianças e com as professoras² que é muito sentida pelos/as estudantes, bem como, gera perda no processo de ensino aprendizagem. Esta constatação converge para os aportes teóricos já apresentados que indicam, dentre os principais problemas do ensino à distância, a falta de interatividade, e isso foi significativamente apontado pelas mães. Os relatos que seguem evidenciam a percepção de inadequação desta modalidade de aprendizagem no ensino fundamental:

A criança na primeira infância precisa de interação para descobrir se é descobrir o mundo a sua volta e o ensino virtual é abstrato, algo que a criança nessa idade ainda não se apropriou. (MEM)

A menina que está no colégio x3 realiza as atividades com certa autonomia, mas não há como o prof acompanhar as dúvidas. A falta de interação visual dificulta o processo de aprendizagem. "É muito mais legal, os professores não ficam olhando para minha atividade"

Sei que na idade que minha filha está, 13 anos, as aulas remotas não são suficientes para que haja ensino/aprendizagem com qualidade. É um paliativo para o momento. (MP, grifos da participante)

As participantes também destacaram que, nesse formato de educação/ensino ocorre uma desumanização do processo, o que não é bom, principalmente pela pouca idade das crianças, período no qual os afetos são fundamentais para o aprendizado.

Mesmo para estudantes adolescentes, a nova realidade do ensino causa mudanças negativas como dificuldade de concentração necessária para o aprendizado mais efetivo.

Esta resposta é sobre o filho de 15 anos. Sempre foi bom aluno mas relata que não está conseguindo se concentrar. Acha que na retomada presencial conseguirá aprender melhor. Preocupada. Acho que estamos errando no formato e, especialmente, na quantidade. (MEP)

Dentre os depoimentos encontramos relatos de mães descrevendo que a timidez das crianças dificulta a participação delas uma vez que, ao se expor por meio de perguntas ou colocações nas aulas remotas, tem receio de serem vítimas de chacota. Esse resultado converge para o argumento de Lindamir Salete Casagrande (2017) quando, em pesquisa com estudantes do ensino fundamental

II, constatou que eles/as têm necessidade de serem aceitos/as pelo grupo, tem necessidade de pertencimento e por isso evitam se expor.

Nesse sentido é interessante observar que junto à falta de interatividade, as participantes destacam também a desumanização desse processo e a timidez que impede a participação das crianças. Tal como posto por Patto (2013), o EaD é justificado por muitos/as de seus/suas defensores/as pelo seu baixo custo de manutenção e pelo atendimento a um grande número de estudantes, ou seja, a falsa ideia de democratização do ensino, o que, ao nosso ver, mais se aproxima ao ensino bancário como pensado por Paulo Freire (2019, p. 27, grifos do autor) do que a uma educação inclusiva e democrática. Nesse sentido, retornamos os ensinamentos desse educador:

[...] em que pese o ensino "bancário", que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo "conhecimento" lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do "bancarismo".

Outra questão importante para o debate referente ao tema da "falta de interação" refere-se à inclusão de crianças com necessidades específicas, as quais sentem ainda mais esse processo de distanciamento e atividades educacionais remotas e não tiveram suas necessidades contempladas pela nova modalidade de ensino. vejamos:

Por ser autista, a rotina da escola é importante. (MEP)

O mais novo por ter o diagnóstico de TADH não está conseguindo fazer o que os professores pedem. (MEP)

As escolas precisam adequar a atividade ao nível de compreensão dxs estudantes com deficiência intelectual! (MEE)

Com base nos depoimentos, percebe-se que não houve, por parte dos governos e gestores, planejamento de atividades específicas direcionadas às crianças com alguma necessidade especial para que elas consigam se desenvolver integralmente. Para essas crianças, esse modelo de ensino, único possível neste momento, é ainda mais problemático. No que tange às crianças com transtorno do espectro autista recorremos a Emellyne Lemos *et. al* (2018, p. 114) as quais expõem que:

[...] entende-se que as áreas de interação social, comunicação e comportamento se articulam intimamente no desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. Considerando que os indivíduos com autismo apresentam prejuízos nessas áreas, cabe aos profissionais, que com eles trabalham, utilizarem estratégias que contemplem a aquisição de habilidades que são pré requisitos para que outras se efetivem.

É importante lembrar que a escola é o primeiro espaço social ao qual as crianças têm acesso sem a presença dos familiares. Ali constroem suas primeiras relações de amizade e até conhecem seus primeiros desafetos. A falta de interação e a relevância do contato com as professoras e com os/as amigos/as também foi

fortemente apontado como algo vivenciado e lembrado por estudantes neste “novo” e compulsório modelo de ensino. Os seres humanos vivem em sociedade e esse distanciamento causa um sentimento de perda que se evidencia nos depoimentos das participantes.

Sente falta dos amigos e da escola. (...) As minhas filhas sentem muita falta de ir pra escola, das professoras, dos amigos de tudo. (MP)

Elas precisam do contato com as outras pessoas para aprenderem. Nada substitui o convívio social. (MEP)

É uma alternativa boa, mas, o contato com professores e colegas é essencial para desenvolvimento humano. (MEP)

Percebe-se ainda que há um certo conformismo com a situação atual. Embora se reconheça que esta não é a melhor forma de ensino, é o que se apresenta como alternativa para o momento.

A aula online nunca substituirá a aula presencial nesta fase do ensino fundamental. Considero de extrema importância a interação com os professores e colegas, mas neste momento esta é a única alternativa apesar de não ser a melhor. (MP)

A falta de contato com os/as amigos/as e os/as docentes, além de dificultar o aprendizado, gera sofrimento e provoca aquele sentimento tão presente no cotidiano dos seres humanos, a saudade. Esse sentimento gera sofrimento tanto nas crianças quanto nas mães que não podem resolver a situação.

Sentimento de tristeza pois ver seu filho pedindo pra ir a escola dizendo que está com saudade dos colegas e dos professores é bem difícil como mãe (MP)

*(...) o irmão de 11 está complicado porque não quer fazer, insiste que quer estar com os colegas em sala de aula p fazer as atividades(...)
"Quer aprender na escola!" É o que me fala o tempo todo. (MP)*

Como pode-se perceber, as mães entendem que seus/suas filhos/as sentem falta do convívio com a comunidade escolar. Com base nestes relatos, podemos concluir que ir para a escola é muito mais do que aprender conteúdos, mas também construir amizades, afetos, relações. A privação a esse processo causa preocupação à Unesco que, segundo a Agência de Notícias do Paraná em matéria publicada em 02 de maio de 2020, afirma que os efeitos para os/as estudantes serão desastrosos e vão desde pequenos problemas comportamentais e de sociabilização, problemas de nutrição e até mesmo grandes ondas de estresse entre alunos e professores, causando interrupção da aprendizagem ou ainda culminar no abandono escolar.

Excesso de atividades! Cansaço e sofrimento

Nos relatos que seguem, o excesso de atividades escolares encaminhadas durante o período de distanciamento social apareceu com recorrência nos relatos das mães, e esse processo, segundo as respondentes, tem sido desgastante para

os/as estudantes. Cabe destacar que o próprio governo do Estado do Paraná reconheceu que, por não estarem acostumados/adaptados com esta modalidade de ensino, houve um excesso de atividades, pelo menos no início do processo.

Ele gosta das aulas porém quando a diversidade de atividades é muito grande, acaba se perdendo no volume do que fez e do que ainda precisa fazer. (MP)

Como ele demora para fazer as atividades devido ao volume, a dedicação é bem grande muito maior do que quando os professores direcionam. (MP)

Diretamente ligado ao excesso de atividades tem-se o cansaço, a ansiedade e o sofrimento. A sobrecarga de tarefas interligada por um modelo que requer uma participação que em alguns casos é bastante expositiva, bem como, todo o sentimento de insegurança que permeia esse período de distanciamento social tem apresentado efeitos danosos no cotidiano das crianças e em suas relações familiares, contribuindo para um ambiente estressante e para o prejuízo a saúde mental das crianças. Todo esse processo foi notado e relatado pelas mães.

Gerou ansiedade, toda vez que tem que fazer aulas on-line chora muito fica irritada, não quer mais pegar os livros, está absorvendo muito pouco, e eu tenho que ficar ao lado em todas as aulas (MEM)

Ela chora, fica nervosa, não quer fazer aulas, tem vergonha de aparecer no vídeo. Reclama de dor de cabeça em todas as aulas...(MEP)

Esse estresse ao qual os/as estudantes estão sendo submetidos/as pode gerar danos emocionais e levar a doenças físicas e emocionais em toda a família. Isso se acentua quando a criança já se encontra em tratamento. A solidão desse momento dificulta ainda mais o aprendizado.

Ela tem ansiedade e trata. O isolamento já é difícil. Estudar sozinha ainda mais. (MP)

Penso eu que, todo esse estresse emocional não vale a pena, e se antes do Corona vírus já havia casos de crianças com ansiedade entre outros, depois que tudo isso passar, vai aumentar e muito a demanda nesta aérea. (MEP)

A sobrecarga e falta de alternativas são sentidas por todo o grupo familiar e recai, de modo especial, sobre as mães, que, na maioria das vezes, são as responsáveis por acompanhar as atividades das crianças. Os excertos apresentados na sequência evidenciam isso.

Passamos o dia olhando e-mail, links e fazendo lição, isso gera stress e cansaço mental. (MEP)

Improvizado, desgastante e estressante diante da situação de isolamento sem ter atividades de distração que não sejam meio digitais, juntamente com aulas também modo EAD (MP)

Acho que o volume está grande em cima das crianças e uma responsabilidade a mais para os pais, que estão se virando para dar conta de tudo. Estamos, nós e crianças, cansados e psicologicamente afetados. (MEP)

Conforme podemos observar, especialmente nos últimos relatos destacados, as mães informam um processo de estresse que vem se intensificando nesse período. Conforme Marilda Lipp *et. al* (2002, p. 52), (...) “o processo bio-químico do estresse independe da causa da tensão, sendo que o elemento primordial necessário para o seu desencadeamento é claramente a necessidade de adaptação a algum fato ou mudança” e neste caso, muitas foram as mudanças e adaptações. No estudo de Lipp *et. al* (2002) encontramos que dentre os principais sintomas em crianças estão: aparecimento de comportamento agressivo, desobediência, dificuldade de concentração, ansiedade, dificuldades de relacionamento, dificuldades escolares, pesadelos, insônia, birras. Alguns desses sintomas foram também mencionados pelas mães e fazem parte ou intensificam-se na nova rotina estudantil das crianças.

Também é importante mencionar o fato de que algumas mães muito preocupadas com a saúde, especialmente a saúde mental de seus/suas filhos/as, “sugerem” a suspensão desse formato de ensino. Tal como posto em outros relatos, a prioridade, neste momento é a saúde da família.

Apesar da alteração na rotina familiar e a preocupação com o ensino, entendo que a prioridade é a saúde da família. Portanto, o ensino está em segundo plano, podendo ser recuperado no próximo ano. (MEP)

Mas quantos familiares estariam dispostos a priorizar a saúde, deixando a educação em um plano de não prioridade nesse momento? Como ficaria a situação das escolas? Que outra proposta poderia ser pensada para o momento? Respostas a essas questões certamente não teremos, no entanto, elas se fazem fundamentais para a discussão. As participantes relatam que esta angústia também as afeta.

Sinto que a pressão está absurda. Em todos os quesitos, para todos. (MP)

Aflita! Com medo das minhas filhas, principalmente a que esta no 5 ano, tenha muita perda na aprendizagem e sofra para retomar depois, pois ela tem dislexia.... (MEM)

Ainda, conforme lembrado por algumas mães e evidenciado em seus relatos, o formato de aulas proposto é entediante para as crianças e adolescentes, contribuindo de certa forma para a perda de aprendizagem e autonomia.

É muito difícil para uma criança ter comprometimento e aprendizado efetivo na EAD, pois se distraem mais facilmente que os adultos. Se deixamos por conta não se estressam, mas não prestam atenção no vídeo e fazem as tarefas parcialmente e de qualquer jeito. Quando supervisionamos se estressam, pois, cobramos que prestem atenção e realizem as atividades com qualidade. (MEP)

Conforme observamos durante a pesquisa⁴, o formato das aulas disponibilizadas é bastante diferente ao compararmos as redes municipal, estadual e particular. Para os/as estudantes da rede estadual tem-se padronizado vídeos aulas as quais são disponibilizadas a todos/as estudantes da rede por meio de canais televisivos, com professoras/es que não tem vínculo com os/as estudantes. As escolas municipais, em sua maioria, oferecem materiais de apoio impresso aos/às estudantes e mantém o contato por meio de grupos em redes sociais (*whatsapp* e *facebook*). Já nas escolas particulares, as aulas acontecem por meio de vídeo conferências com a participação do/a professor/a e os/as estudantes.

Adequação à nova rotina

Adequar passou a ser um verbo muito presente nesse novo tempo de distanciamento físico. Adequar-se à forma de ensino, adequar-se à nova rotina, adequar-se ao convívio restrito, enfim, reaprender a aprender passou a fazer parte do cotidiano de muitas crianças e adolescentes. Nesse sentido, apresentaremos depoimentos de mães e professoras que demonstram como esse processo de adequação vem sendo vivenciado no cotidiano de seus/suas filhos/as.

Há relatos de que as crianças e adolescentes têm dificuldade de lidar com a nova realidade. Oferecem resistência a interagir com os artefatos tecnológicos para os estudos, não se organizam para realizar as atividades e têm pouca paciência para elas. Vejamos:

Apresenta-se resistente a assistir as atividades remotas, temas de casa, mostrando-se impaciente e ansioso. Entre as suas queixas está a dificuldade de comunicar-se, participar da aula e ser ouvido pela docente e colegas. Com muita paciência, a família toda tenta participar e ajudar para que ele sinta-se acolhido, pois, sente falta da sua antiga rotina e esta é a forma que ele e muitas crianças têm para demonstrar sua frustração. (MP)

Outras participantes creditam a dificuldade de adequação a nova rotina à lentidão e falta de concentração que os/as estudantes demonstram neste processo.

A dificuldade é estabelecer uma rotina. Gostaria que a escola entendesse que estamos todos tendo dificuldades. E não me importo se o ritmo das atividades for mais lento, ou se tiver atividades mais práticas, mais pesquisa e menos aulas expositivas. (MP)

As atividades que são para duas horas tornam 4 horas facilmente. Ele brinca com tudo, tem que ficar voltando a aula, pause enquanto eu preciso elaborar aula e atender meus clientes, pois além de professora, sou terapeuta. (MP)

Conforme podemos observar nessa adequação à rotina, o ensino à distância traz implicações ao cotidiano de toda a família que, muitas vezes tem que assumir o papel de docente, função para a qual não estão preparadas/os. Por outro lado, algumas participantes percebem que esse “novo” formato de ensino proporcionou

ou obrigou uma maior aproximação dos/as responsáveis com as crianças e adolescentes e isso pode reforçar os laços familiares.

O ensino à distância exige mais tempo dos pais na educação dos filhos. Pois anteriormente auxiliávamos apenas na tarefa de casa, agora temos que auxiliar no conteúdo da aula também(...). A criança facilmente perde o foco quando a explicação é longa ou mais complicada. (MEP)

Muitos pais não "tinham" tempo com seus filhos e não acompanhavam a rotina escolar, e com o isolamento passaram a ter mais contato e acompanhar e também valorizar as professoras que é um trabalho árduo lecionar. (...). Meu filho sente muita falta dos colegas, professores, familiares. Apesar de tentar entender sempre pergunta o dia que a Terra voltará a girar! A rotina da casa pode esperar, os afazeres podem esperar mais para o ensino e o crescimento das nossas crianças não podem esperar! (MEP)

Professoras/es despreparadas/os ou heroínas/óis?

Conforme disposto pelo educador José Carlos Libâneo (1994) o trabalho docente integra o processo educativo mais global pelo qual os seres humanos são preparados para a participação da vida social. Espera-se desse/a docente a preparação e organização necessária para a condução desse processo. Os/as professores/as do ensino fundamental possuem capacitação e qualificação para desenvolver com grandeza seu trabalho em escolas. Mas, como é possível que deles/as se espere a mesma preparação para atividades à distância se nunca tiveram contato com esse tipo de ensino? As mães reconhecem que os/as professores/as foram jogadas/os neste mundo virtual sem nenhum preparo.

Seria algo interessante, desde que todos estivessem de fato inclusos no processo de ensino e aprendizagem. Tal como está, com professores que sequer foram preparados para essa modalidade de ensino e que de forma repentina têm que ministrar aulas, com alunos que não têm qualquer acesso as Tics, fica a sensação física de uma rotina estressante e um emocional já abalado pelos impactos da pandemia, agora mais atingido pela carga horária estendida em função das inúmeras tarefas que tenho que assumir. (MP)

O treinamento para os profissionais da educação também foi inexistente, fazer testes, projetos pilotos de abordagens a distância. Editar aulas, ou fazer reuniões remotas com grupos de até trinta crianças é um grande desafio diário para os docentes. Neste sentido, posso afirmar que a moeda tem sempre dois lados: a dificuldade das famílias em participar e manter a motivação das crianças e o outro, o desafio das instituições de ensino em preparar, buscar metodologias ativas e estratégias para manter o ensino. (MP)

As mães que também são professoras relatam a angústia por estarem dos dois lados da mesma moeda neste momento. Como professoras, se angustiam com as dúvidas dos/as estudantes e a saudade que sentem deles/as. Por outro lado, têm que auxiliar seus/suas filhos/as nesta caminhada e, muitas vezes, se sentem incapazes de conciliar esses dois papéis e sofrem com isso.

Agora, o fato de ser professora, não tem ajudado muito neste momento, pois mal tenho tempo de fazer as coisas do meu trabalho. Desta forma mal posso ver as atividades das minhas filhas, o que irônico e triste ao mesmo tempo, exatamente por eu ser professora. (MP)

Também auxílio outras famílias que pedem ajuda, enviando materiais e conversando sobre as estratégias que utilizo como professora para ensinar meus filhos. (MP)

Algumas mães relatam que seus/suas filhos/as reclamam da falta de atenção dos/as professores/as. Outras destacam o esforço destes/as profissionais para oferecer o melhor possível para seus/suas estudantes. As mães estão cientes do fato de que os/as docentes não receberam nenhum preparo para esta nova forma de ensino, o que reflete na didática e apresentação das aulas. De um dia para outro, se tornaram *youtubers*, influenciadoras/es digitais, e, por vezes, psicólogas. Percebem ainda que a carga de trabalho das docentes aumentou sobremaneira. Muitos/as estudantes só têm acesso ao celular dos/as responsáveis tarde da noite ou nos finais de semana, e, por isso, procuram a ajuda das professoras nestes horários, estendendo o horário de trabalho das mesmas. Outra atividade que sobrecarrega as professoras é a preparação e gravação de videoaulas que é mais demorada do que as aulas presenciais.

Ele reclama da péssima didática no mundo virtual. Os professores simplesmente não sabem utilizar os meios digitais. Ele também reclama que não ouvem os alunos quanto a seus interesses e, quando algum ouve, não dá atenção para a solicitação dos alunos. (...). (MP)

Isso gerou uma demanda muito maior de trabalho individual dos/das professores/as, acrescentando horas de planejamento e aumento da dedicação ao trabalho, diminuindo o espaço para interação familiar e auxílio na demanda escolar dos filhos. Mas o muito que foi desenvolvido, aprendido, pensado e apresentado neste período aponta para a competência e qualidade dos(das) profissionais de educação brasileiros(as) que sem dúvidas unirão cada vez mais o mundo virtual do real com profundidade e o mínimo de perda. (MEP)

Eu gosto e valorizo o trabalho impecável dos professores, vejo o quanto tem se dedicado para da melhor forma ensinar para nossos filhos, e estão fazendo da melhor forma possível. (MEP)

No que tange a atuação dos/as professores/as, as participantes manifestaram compreensão pelo momento vivido por esses/as profissionais. Já as mães que também são professoras, por terem vivência nos dois lados desse cenário, sentem as consequências, as angústias e sobrecarga que pesa sobre elas devido a estes dois papéis que desempenham na sociedade. Percebe-se que se sentem culpadas por não poderem fazer mais, tanto por seus/suas alunos/as quanto por seus/suas filhos/as. Desta forma, podemos concluir que, na percepção das participantes desta pesquisa, as professoras, embora despreparadas para essa modalidade de ensino, têm feito um trabalho heroico e tornado o processo menos penoso e danoso para os/as estudantes.

Estrutura e condições necessárias para o EAD

Como no ensino presencial, o ensino à distância requer algumas condições e estruturas fundamentais tanto das instituições de ensino quanto dos/as estudantes para que ela ocorra e tenha minimamente êxito no processo de ensino e aprendizagem. Dentre essas estruturas estão aparatos tecnológicos tais como computadores ou telefones móveis conectados à internet. Ainda que tenhamos observado que a maioria das participantes tenha e apresente essas condições, é fundamental que ampliemos nossa análise pensando na totalidade de estudantes atualmente vivenciando esse processo de ensino à distância. Essa percepção de realidade também foi apontada pelas mães e especialmente por mães professoras.

Onde trabalho é de alta vulnerabilidade, muitos não tem nem o que comer, como vão poder assistir aulas? O ensino é mais lento que em outras escolas onde já trabalhei. A questão cultural afeta diretamente o ensino e aprendizagem. (MP)

Nosso país tem realidades diversas e, acredito q o ensino à distância tem resultados nas famílias que socialmente têm condições para acompanhar. Porém, distancia ainda mais as possibilidades das classes menos favorecidas de acessar melhores condições de vida pela educação. No entanto, no momento é o que de fato é possível. (MEM)

Com base nos depoimentos das participantes, nota-se que elas estão cientes do quão desigual é a situação das famílias brasileiras e que isso interfere no acesso à educação e ainda mais ao ensino remoto. Partindo desses relatos pode-se inferir que a desigualdade social é acentuada nesse processo de ensino e essa desigualdade é cada vez mais determinante para quem terá ou não acesso ao ensino. A modalidade de ensino à distância é limitada e excludente. Uma das depoentes que reside no Município de São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, denuncia que o próprio município não tem condições para a oferta dessa modalidade de ensino.

Para além das condições financeiras e estruturais, uma questão também apontada pelas participantes refere-se ao acompanhamento das atividades em casa. Muitos responsáveis não têm tempo nem possibilidades para tal.

(...) nem todos das famílias têm um conhecimento das disciplinas para ajudar a responderem as atividades, eu por exemplo consigo ajudar meus filhos, mas sei que tem muitos pais que nem sabem ler e como ajudar seus filhos nas atitudes? Fica difícil. (MP)

Ainda, retomamos o relato de uma mãe de escola municipal que define muito bem esse momento e essa preocupação com a exclusão que esse tipo de ensino tem aprofundado:

Limitação define o momento na educação. No Brasil nas escolas públicas não vivemos a realidade digital. Inclusive muitas escolas não tem sequer acesso Wifi ou equipamentos adequados para uso de professores/as e muito menos dos alunos. (...) (MEM)

Diante dessa angústia, da qual também compartilhamos, é importante lembrar, tal como posto por Luiz Hernesto Merkle (2020, s.p.), que,

Neste período de enfrentamento a uma pandemia, quando carências e privilégios históricos se revelam mais claramente, as comunidades escolares tem se visto cotidianamente assediadas com recomendações, normatizações e soluções de serviços que reduzem suas atividades cotidianas à mera transmissão de conteúdos, e deixando de lado, sem a devida consideração, muitas outras atividades que a tornam as escolas um lugar de formação, mesmo que precário, dadas as condições em que têm sido mantidas.

Diante desse contexto, observamos que o ensino à distância, com suas exigências estruturais e suas limitações de acesso, tem implicações para o processo de ensino e aprendizagem e a qualidade das aulas e isso também lembrado com ênfase pelas participantes.

Reconheço o esforço intenso dos professores, que estão tentando trazer materiais interessantes. Eu, particularmente, gosto das aulas que vi. Mas meu filho não consegue se concentrar, e principalmente, se organizar com as atividades que são pedidas. Assiste as aulas, mas não sei o quanto está aprendendo.(...) Quando há atividades mais lúdicas e apropriadas para o formato online (como quizzes e jogos) ele gosta. Mas quando as aulas são expositivas, não. (...) (MEP)

(...) Estou muito preocupada com meus alunos da rede pública, alunos do ensino médio, que me relataram o seguinte: -Prof. nós até conseguimos responder as perguntas, damos um google e pronto; mas não estamos entendendo nada. Observei que as aulas online estão muito aceleradas e não dão tempo para fixação da matéria, é fake. Além disso, a metade dos alunos não estão acessando. Para que o processo de aprendizagem seja efetivo é necessário o vínculo de confiança, o que não ocorre com os professores da vídeo aula. (MP)

Com base nos depoimentos podemos perceber que há múltiplas visões sobre a adequação e qualidade das aulas remotas. Algumas respondentes consideram boas, outras nem tanto. Não podemos perder de vista que as participantes vivem em condições sociais múltiplas e os/as estudantes frequentam escolas diversas, sendo assim, esta diversidade de percepções era esperada e é compreensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que vamos ver o ensino de outra forma e espero que as famílias realmente valorizem o papel do professor, da escola. Os pais precisam defender a escola, principalmente a escola pública, inclusive os pais que pagam escolas particulares. É um privilégio e só manter privilégios não é a solução. Precisamos trabalhar pelo combate à desigualdade. A pandemia mostrou isso, mas acredito que ainda estamos longe de entender. (MEP)

A pandemia que assolou o mundo no início de 2020 fez com que nossas rotinas sofressem grande transformação e acometeu de forma drástica as escolas. Este fato despertou-nos a curiosidade/necessidade de conhecer sobre o modo como esta transformação impactou os/as estudantes do ensino fundamental. A educação à distância requer habilidades como autonomia, maturidade e disciplina

(PATTO, 2013) e compreendendo que estudantes deste nível de ensino ainda não as possuem, consideramos importante conhecer um pouco mais sobre este processo.

A partir dos resultados encontrados nessa pesquisa, pudemos constatar que os impactos desta modalidade de ensino foram mais prejudiciais do que benéficos para os/as estudantes, os quais sofriam pela falta de contato com as professoras e os/as amiguinhos/as bem como com a dificuldade de realizar as tarefas de modo autônomo. Cabe destacar que a pesquisa foi planejada no primeiro semestre de 2020 e os dados coletados em agosto do mesmo ano, quando pensávamos que a pandemia seria mais breve e tínhamos a esperança de retomar a rotina brevemente, fato que não ocorreu.

Nenhuma das participantes considerou este modo de ensino melhor do que o presencial. Muitas mães apontaram que, durante as atividades, as crianças choravam, se sentiam estressadas, tristes, angustiadas. Estes depoimentos evidenciam que o ensino remoto, única opção para se manter o vínculo dos/as estudantes com a escola nesse momento de pandemia, provoca neles/as sentimentos que geram sofrimento. Aliás, manter o vínculo com a escola e oferecer a possibilidade de se estabelecer uma rotina de estudo foram os pontos positivos apontados pelas participantes, porém, ainda assim, não se compara ao ensino presencial. Com base nestes dados podemos concluir que a escola proporciona às crianças mais do que transmissão de conteúdos. É também, um espaço de construção e manifestação de afeto, de construção de amizades, de socialização, inclusive sendo o primeiro lugar onde as crianças frequentam sem a presença de um familiar. Por meio dessas relações, se torna mais fácil e agradável aprender e as mães estão cientes disso. A falta desta troca com os/as colegas e as/os professoras/es causou nos/as estudantes sofrimento, dor e angústia.

Outro ponto negativo levantado pelas participantes foi a dificuldade que seus/suas filhos/as encontravam na realização das atividades, o que, na opinião delas, são exageradas e geram pouco aprendizado. Algumas consideram este ano perdido no que tange ao aprendizado de seus/suas filhos/as. Dentre estas dificuldades está a falta de acesso aos equipamentos necessários para esta modalidade de ensino como computadores, celulares e internet. A maioria das participantes desta pesquisa, apesar de manter seus/suas filhos/as em escolas particulares e ter uma condição financeira confortável, possuindo acesso a tais equipamentos, denunciaram tal dificuldade. Esse fato nos levou a questionar sobre a realidade de estudantes que vivem em realidades mais vulneráveis, nas periferias das cidades ou em áreas remotas nas quais sequer há sinal de internet. Como essas crianças e adolescentes estão enfrentando este momento histórico?

Diante dos dados evidenciados, concluímos que os/as estudantes e docentes estão se esforçando ao máximo para assegurar o aprendizado e minimizar as perdas de desenvolvimento intelectual e afetivo, porém, as consequências são imensuráveis. As participantes, mães e professoras, demonstraram o quanto estão atentas e preocupadas com o desenvolvimento dos/as seus/suas filhos/as e de seus/suas estudantes, embora estejam sobrecarregadas devido a reorganização das atividades laborais e domésticas que recaem sobre elas.

Destacam ainda que esta realidade tão dolorosa evidenciou a importância da escola e das professoras. A escola é um importante espaço de construção de sociabilidade das crianças e as/es professoras/es são responsáveis pela condução do processo de aprendizagem que ocorre nessa socialização. As participantes reconhecem que as/os docentes, embora surpreendidas com essa nova realidade,

empreenderam um esforço imenso para minimizar os impactos negativos que esse distanciamento inevitável poderia ter sobre os/as estudantes. Com pouco ou nenhum preparo proporcionado por parte dos governantes, as/os docentes buscaram formas de tornar este momento menos doloroso.

O argumento de que o distanciamento das crianças da escola e, por consequência, das/os colegas e professores/as causa adoecimento nas/nos estudantes, figura, entre alguns governantes, donos de escolas particulares e alguns pais, como justificativa para o retorno das aulas presenciais de forma urgente. Apesar de também defendermos essa forma de oferta, ponderamos que para que isso ocorra algumas condições são necessárias, dentre essas, destacamos todos os protocolos de segurança (álcool gel, uso de máscaras, distanciamento físico, redução do número de estudantes por classe) e a vacinação de toda a população brasileira.

Desta forma, concluímos que, na percepção das participantes, o ensino remoto ou EAD não é adequada aos/às estudantes do ensino fundamental, entretanto, foi a única opção para o momento de restrições e distanciamento social.

Want to learn at school: impacts of distance learning on students

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the perception of mothers and teachers about the implications of distance learning activities in the routine of elementary school students during the period of social distancing experienced in 2020. Mothers and/or teachers from different schools participated in this research, mainly from Paraná. The data collection instrument was an online questionnaire, with objective and descriptive questions, which was disseminated and applied through social networks and obtained 174 responses. The results indicate that the participants noted the fatigue and the difficulty of adapting children and teenagers to the "new" teaching format and to the study routine, which, added to the whole situation imposed by the Coronavirus pandemic, proved to be exhausting and stressful for students, who are eager to go back to school. We conclude that, in the perception of the participants, despite being the only option for this moment, remote teaching is not suitable for elementary school students.

KEYWORDS: Tiredness. Children and Teenagers. Education. Distance learning. Pandemic.

NOTAS

¹ Legenda: MEP-Mãe com filhos em escola particular; MP- Mãe professora; MEM-mãe com filhos em escola municipal; MEE-mãe com filhos em escola estadual.

² Disponível em: http://www.udemo.org.br/2020/leituras/008_2020-05-22_Ensino-Remoto-Apagao-na-Educacao.html. Acesso em 14 de set de 2020.

³ Usaremos o feminino porque a maioria dos/as docentes deste nível de ensino são mulheres e, nos depoimentos tivemos menção majoritariamente às professoras.

⁴ Nome retirado para não comprometer o sigilo das informações da participante.

⁵ Nome retirado para preservar o anonimato.

⁶ O relato que faremos aqui, refere-se a uma realidade específica e é baseado nos relatos de mães e professoras participantes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AEN. **Aula Paraná segue o modelo ideal recomendado pela Unesco**. 2020, online. Disponível em:<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=106799>. Acesso em: 03/09/2020.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. Percorrendo labirintos: trajetórias e desafios de estudantes de engenharias e licenciaturas. **Cadernos de Pesquisa**, 47 (163), pp. 168-200.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 59ª ed. 2019.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Em quarentena: 83% dos professores se sentem despreparados para o ensino virtual**. Maio de 2020. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/em-quarentena-83-dos-professores-ainda-se-sentem-despreparados-para-ensino-virtual-2/>. Acesso em 14/09/2020.

LEMONS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO RAMOS, Cibele Shirley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 20, n. 1, p. 117-130, jan-mar, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n1/a09v20n1.pdf>. Acesso em 08/09/2020.

LIPP, Marilda E. Novaes et al. O estresse em escolares. **Psicologia Escolar Educacional (Impr.)**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 51-56, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08/09/2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MERKLE, Luiz Ernesto. A quem também interessam as tecnologias digitais na escola em meio a pandemias? **Nuevo Blog**, 15 Jun. 2020. Disponível em:

<https://nuevoblog.com/2020/06/15/a-quem-tambem-interessam-as-tecnologias-digitais-na-escola-em-meio-a-pandemias/>. Acesso em: 14/09/2020.

PATTO, Maria Helena Souza. O ensino a distância e a falência da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 303-318, 2013.

UDEMO. **Ensino Remoto** - "Apagão na Educação". 2020, online. Disponível em: http://www.udemo.org.br/2020/leituras/008_2020-05-22_Ensino-Remoto-Apagao-na-Educacao.html. Acesso em: 14/09/2020.

Recebido: 16/11/2021

Aprovado: 18/08/2022

DOI: 10.3895/rts.v18n54.14942

Como citar: CASAGRANDE, L.S. et al. Quer aprender na escola: impactos do ensino à distância sobre os estudantes. **Rev. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 18, n. 54, p. 187-206, out./dez., 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/14942>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

